

## DE VOLTA PARA O FUTURO

Alfredo Marques  
 Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF  
 Rua Dr. Xavier Sigaud 150,  
 22290-180, Rio de Janeiro, RJ

Aos amigos, os que se foram, os que ficaram; às alegrias, canseiras, ao afeto e à fé que nunca faltaram. Aos que lutaram, ganharam, perderam, de pé.

### Fim da História

Caminhando para seu fim, o século XX mostra síndrome de paciente terminal, anunciando o fim da Ciência, da Arte, da História. Aqueles que acreditaram, através da Ciência, da Arte, do compromisso com a História, estar também viabilizando o sonho do fim da violência, da iniquidade, da exclusão, chegam, assim, duplamente frustrados ao marco final da estrada.

Grandes montagens apocalípticas têm assombrado o planeta com regularidade. Entretanto, desta feita, a assombração não está construída por adivinhos, bruxas, morubixabas, pastores do delírio fanático e sobrenatural, mas por respeitáveis profissionais, responsáveis por valiosas contribuições aos próprios campos que reputam terminais. Merece, portanto, alguma reflexão. Antes de ir adiante, entretanto, é bom esclarecer o sentido que se dá ao “fim disto ou daquilo”. Trata-se do esgotamento das idéias sobre os objetos essenciais de um determinado campo e sobre suas relações fundamentais, no sentido de que nem uma incursão ou indagação nova precise de objetos ou relações novas para ser compreendida. O arsenal de idéias e objetos básicos atingiu a configuração completa. Isto não significa que a originalidade esteja expulsa de toda atividade intelectual: um músico pode chegar a uma composição nova original, um astrônomo pode descobrir uma nova estrela dupla, mas não será necessário invocar qualquer idéia, musical ou física, nova para entendê-los. Toda atividade criativa tende a se projetar na sua dimensão técnica.

O fim da Física Teórica, aparentemente, saiu na frente, anunciado por Stephen Hawking<sup>1</sup>, seguido do Fim da História, decretado por Francis Fukuyama<sup>2</sup>. Este é mais abrangente; vamos focalizá-lo através dos olhos de intelectuais de outras áreas. De acordo com Umberto Eco<sup>3</sup>:

“O cristianismo inventou a história e, efetivamente, é o moderno Anticristo quem a denuncia como doença. ...”

“Considero que estamos diante de um milenarismo desesperado todas as vezes em que o fim dos tempos é visto como inevitável, em que qualquer esperança cede lugar a uma celebração do fim da história ou ao apelo ao retorno a uma Tradição atemporal e arcaica que nenhum ato de vontade e nenhuma reflexão, já não digo racional, mas razoável, poderia enriquecer. Daí nasce a heresia gnóstica (mesmo em suas formas laicas), para a qual o mundo e a história são frutos de um erro e somente alguns eleitos, destruindo os dois, poderiam redimir o próprio Deus; daí nascem as várias formas de super - homismo, para os

<sup>1</sup> S.Hawking discurso de posse na cátedra de Professor Lucasiano em 29/04/80, publicado em Buracos Negros e Universos Bebés, Ed. Asa, Porto 1994

<sup>2</sup> F.Fukuyama, *The End of History and the Last Man*, Hamilton, Londres 1992

<sup>3</sup> Umberto Eco et al, *Em que crêem os que não crêem?*, Ed. Record, 2000. Coletânea de cartas trocadas entre Eco e outros intelectuais italianos com o Cardeal Carlo Maria Martini, publicadas pela imprensa italiana a partir de 1995 e reunidas no texto *In cosa crede chi non crede?*, Atlantide Editoriale.

quais, na cena miserável do mundo e da história, somente os adeptos de uma raça ou seita privilegiada poderiam celebrar seus flamejantes holocaustos.”

Considero mais adequado tomar a História, como a conhecemos no Ocidente, como fruto do pensamento Judaico-Cristão, antes que obra unicamente do cristianismo. De fato, com as regras e mandamentos passados pela tradição oral familiar e tribal, recomendando certas formas de comportamento, condenando outras, a vontade dos Deuses que dominou a cena entre Babilônios, Egípcios e, posteriormente, Gregos e Romanos foi progressivamente substituída por um discurso onde os indivíduos protagonizavam suas próprias vidas, sob a vigilância de uma divindade única que lhes concedeu o benefício do livre-arbítrio. Com o advento da Imprensa e a publicação da Bíblia cristã, a transmissão oral ganhou um aliado de valor inestimável na edificação da História; talvez por isso o destaque dado ao cristianismo. O retorno à Tradição atemporal e arcaica seria hoje representado por novas divindades, digamos Sexo, Cartão de Crédito, Internet, etc., os novos deuses retomando o comando da cena após o colapso da História. A alternativa seria aguardar friamente, de preferência diante da televisão, o advento do Juízo Final, seguros de estarmos entre os justos e que não viveríamos a eternidade entre as labaredas ardentes de Satanás e as provocações pornográficas de mil demônios.

O fim da História parece, assim, perfeitamente possível, embora represente, para o mundo ocidental, o melancólico desaparecimento da civilização judaico-cristã; resta a questão de se a vida é continuada em companhia dos novos deuses ou se o Armagedon e o reencontro dos bons com o Salvador, dos maus com Satanás, marcará o grandioso final. Como sempre as opiniões se dividem, mas a julgar pelas estatísticas da mega-sena e pela policromia das curtições correntes, parece que a maioria já apostou na festa pagã.

## **Fim da Ciência**

Antes de entrarmos nas questões envolvendo o fim da História, vale a pena responder duas indagações mais ligadas à ciência:

1 - Não haverá mesmo necessidade de se entrar com objetos ou relações novas para dar conta de qualquer situação nova ? Nem o mais ardoroso defensor do fim da Ciência poderia sustentar essa posição. É sempre concebível encontrar uma situação onde o apelo unicamente a objetos e idéias *déjà vues* é insuficiente ou insatisfatório. Recentemente, por exemplo, defendendo uma posição contra o postulado de Inteligência Artificial Forte, segundo o qual o funcionamento do cérebro humano é assimilável a um algoritmo, podendo, portanto, ser igualado por um computador de grande capacidade de armazenagem e velocidade de processamento, Roger Penrose sugeriu<sup>4</sup> que uma nova lei da física esteja faltando para uma descrição adequada do funcionamento do cérebro, tornando o substrato material parte ativa do processamento e assim distinguível do puro algoritmo que o computador pode processar. Entretanto, admitamos, é tal o grau de esgotamento dos conteúdos básicos das ciências que semelhante eventualidade parece mesmo muito improvável. Ou, pelo menos, sua busca demandaria longo tempo e recursos materiais vultosos.

2- O esgotamento do conteúdo dos campos científicos é absoluto ou depende de pressupostos culturais ao longo dos quais a Ciência se desenvolve? Nossa resposta a essa questão é que a Ciência se desenvolve a partir de pressupostos culturais gerais e

---

<sup>4</sup> Roger Penrose –*A Mente Nova do Rei*, Ed. Campus, 1991

que, de certo modo, seu esgotamento é também o esgotamento desses pressupostos. Vale a pena uma incursão no passado para esclarecer essa conclusão.

Até a Segunda Guerra Mundial o propósito da Ciência era a busca da Verdade dentro de seus domínios. A observação, a experimentação, no caso das ciências naturais, e a sistematização dos resultados, o seu método. O cientista era livre de escolher o objeto de sua atenção e perseguia suas tarefas segundo a lógica de seus achados e os dos seus contemporâneos. Os recursos materiais e humanos eram seus principais limites, quase sempre superados pela criatividade na construção de instrumentos, pela inovação e pelo aliciamento de ajudantes. Até poucas décadas atrás, as cátedras de residência médica ainda funcionavam aproximadamente conforme essas regras. A Ciência Natural caminhou, assim, dentro dessa ingenuidade setecentista até o advento da Segunda Guerra. Teve lugar então uma revolução. Não que tivesse havido qualquer descoberta ou revelação que rompesse com paradigmas anteriores: a descoberta da Fissão Nuclear, epicentro do abalo, não teve essas características. Nem foi a temível Bomba Atômica, em si, o agente dessa revolução, mas novos pressupostos de trabalho desenvolvidos no ambiente dentro do qual foi criada.

O *Projeto Manhattan* – como ficou conhecido o complexo de organizações que se ocupou de todos os problemas, levando à produção da Bomba-A – apoiou-se em dois pilares: 1) recursos financeiros ilimitados; 2) três anos no máximo para tornar operacional o artefato bélico. O *Projeto* começou em 1942, de modo que sua data fatal situava-se ao longo do ano de 1945. Dado o envolvimento com o desconhecido, tratava-se de um prazo extremamente curto.

O total gasto foi da ordem de US\$150.000.000,00, até modesto em comparação com as cifras aplicadas em grandes projetos na atualidade. Para os anos '40 era, entretanto, uma fábula ! Qualquer necessidade nova, qualquer gasto com sub-projetos aprovados, teve cobertura financeira garantida prontamente. Quanto à limitação em três anos especula-se que os cálculos logísticos mostravam que a guerra, tendo começado em setembro de '39, não poderia prolongar-se muito além de 1945, pelo esgotamento das economias dos países do Eixo (Alemanha-Itália-Japão). Fosse mais longo o prazo, o *Projeto Manhattan* teria consumido aquela quantia fabulosa, literalmente para nada, pois a guerra chegaria ao término com as armas convencionais. De fato, o armistício com a Alemanha e a Itália veio a ser assinado em 8 de maio de 1945, terminando essa frente da guerra com armamento convencional. Era assim necessário obter a nova arma antes que se esgotasse aquele prazo. O primeiro teste operacional bem sucedido da Bomba - A teve lugar em 16 de março de 1945; duas outras foram lançadas em Hiroxima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto daquele ano, precipitando o armistício japonês.

Aquelas duas condições promoveram uma revolução no tratamento dos problemas dentro da física. O *Projeto Manhattan* inaugurou uma *política de resultados* visando a queimar etapas e encurtar procedimentos que viria a contagiar mais tarde toda a física e demais ciências. A busca da Verdade cedeu espaço à busca de modelos simplificados dos problemas que possibilitassem a obtenção de respostas rapidamente, mesmo que insatisfatórias do ponto de vista da precisão e do rigor. A insegurança nas avaliações da massa crítica nos modelos de arranjos explosivos do *Projeto* era de tal ordem que muitos renomados cientistas, poucas horas antes do teste Trinity de 16 de março de 1945, temiam que tudo se acabasse em vergonhoso fiasco<sup>5</sup>! Os experimentais

---

<sup>5</sup> Robert Jungk em *Brighter than a Thousand Suns*, Pelican Books 1965, relata que o Prof. Hans A. Bethe, Chefe da Divisão Teórica do Projeto, assim se dirigiu a seus companheiros, pouco antes de embarcarem nos ônibus que os levariam aos sítios de observação do teste: “O cálculo humano indica que

e engenheiros, por sua vez, seguiam tanto quanto possível as previsões teóricas, em favor da rapidez na obtenção de resultados, sacrificando muitas vezes a própria segurança contra acidentes nucleares.

Algumas empresas industriais, a Union Carbide, a Dupont, a Arthur D. Little, entre outras, participaram do *Projeto* e testemunharam o sucesso da reunião de cientistas com engenheiros e técnicos para a obtenção de um produto novo a partir de uma idéia - a da fissão nuclear - que jamais saíra das bancadas dos laboratórios de pesquisa básica. Em consequência o pós-guerra assistiu à introdução da pesquisa científica básica no território da Grande Empresa Industrial, com a metodologia gerencial adotada no *Projeto Manhattan*. De outro lado fundaram-se Laboratórios Nacionais para continuar os estudos de Física Nuclear a partir do ponto em que foram deixados pelo *Projeto*. Esse movimento teve alcance mundial, dado o interesse que despertou em todos os países a obtenção de tais conhecimentos. Entre muitos outros, como o Institut für Kernphysik em Bonn, o Institute for Nuclear Studies, em Tóquio, etc., criou-se o CBPF. A Guerra Quente transmutou-se em Guerra Fria e o teatro de operações transferiu-se dos campos de batalha para os laboratórios de pesquisas. O Laboratório Nacional em sociedade com a Grande Empresa Industrial, como no *Projeto Manhattan*, promoveu desenvolvimentos notáveis no campo da aceleração de partículas, ensejando a descoberta de novos aspectos da matéria nuclear. Empresas como a IBM, a Remington Rand, Burroughs, a Olivetti, a Ferranti, etc. foram seguidas de perto por empresas novas como a CDC, a Digital, levando o prosaico computador de Von Neumann, desenvolvido no *Projeto Manhattan*, a estágios cada vez mais apurados em velocidade de processamento e capacidade de armazenagem; em dez anos o computador passou a ser instrumento confiável, eficiente, indispensável em qualquer campo. A Universidade, onde se praticava a ciência com meios tradicionais, para acompanhar aquele vertiginoso surto de progresso associou-se aos Laboratórios Nacionais e à Grande Empresa Industrial em projetos conjuntos, e assim foi adotando os novos métodos de pesquisas e de gerenciamento de pessoal característicos daquelas organizações. Vale a pena ainda acrescentar que, em função dos resultados que se vinham obtendo no terreno dos semicondutores, particularmente após a invenção do transistor em fins dos anos '40, muitas empresas revelaram interesses nessas áreas e áreas afins, sustentaram revistas especializadas, primeiro com anúncios pagos, depois assumindo financeiramente o inteiro ônus da publicação, patrocinando congressos e reuniões científicas, trazendo para a área da Ciência idéias novas, como a do Workshop, que já praticavam há longo tempo para amadurecer soluções destinadas a aperfeiçoar a operação da empresa. Os grupos de pesquisas nos laboratórios das empresas industriais, trabalhando com maiores recursos e instrumentação de última linha, dominavam a cena, publicando mais e melhor nessas revistas; seus interesses passaram assim a definir o interesse científico da área. A liberdade de escolha do objeto da pesquisa, característica do período romântico, desaparecia. Desapareceu também, em ampla medida, o físico criador de seus próprios instrumentos: empresas especializadas foram criadas oferecendo-os em larga variedade de escolha, confiabilidade e custo.

Acredito que o esgotamento da Ciência, em particular da Física, é o esgotamento desse modo de produção científica, dominado por duas grandes linhas: 1) recursos financeiros ilimitados; 2) produtividade elevada para o mais rápido esgotamento do campo. Numa situação em que a pressão para publicação se faça em níveis razoáveis, que a liberdade de pesquisa se restaure fora de padrões ditados pelo Mercado, e que a busca da Verdade reconquiste o espaço tomado pela modelagem seguida de observações

---

o experimento deverá ser bem sucedido. Mas será que a Natureza vai se comportar conforme nossos cálculos?"

apenas das suas predições, novos objetos poderão ser encontrados, novos fenômenos e novas idéias poderão aparecer. É claro que aquele método é tremendamente eficaz e revela a Verdade pelo menos parcialmente, mas é provável que não seja exaustivo ou completo.

O quadro atual mostra uma grande consistência entre a exaustão das idéias fundamentais, a redução das atividades restantes às aplicações particulares dessas idéias e o tratamento gerencial típico da organização tecnológica.

### **A Revolta Estudantil de 1968**

O Fim da História é, de longe, o tema mais abrangente; aponta para o fim da civilização judaico-cristã, levando para o buraco toda ciência, a arte, a ética, a democracia representativa e, claro, as grandes religiões monoteístas. A síndrome do fim da História já ocorreu no passado, mas a civilização reapareceu com outras características em outra parte. O especial do momento atual é que a crise é planetária, ou quase isso; nenhuma área parece estar de fora. O Mistério das religiões não resistiu ao confronto com a ciência, sobretudo no campo da genética e da medicina da reprodução; não há, aparentemente, como reconciliá-los. O suporte religioso tem exercido papel de superior importância nas sociedades dominadas pelo Princípio de Desempenho ou de Realidade segundo o qual os homens têm de reprimir, sublimar ou adiar seus instintos vitais em favor da labuta ordenada. Modernamente um complexo de instituições e de ações, constituindo uma espécie de Engenharia Social acrescenta outros elementos que compartilham ou substituem o sentimento religioso na tarefa de manter sob controle os inquietos instintos vitais, que não têm metas organizadas a defender: alimentos em abundância, pleora de bens materiais úteis ou não, realização profissional, emprego, conforto e lazer. Importante é também o que se chama de introjeção democrática, pelo qual cada indivíduo assume o ideário de seus patrões, sentindo-se tão livre quanto eles<sup>6</sup>. Outro grande aliado na domesticação dos impulsos instintivos é a presença de um inimigo externo, a quem se possa atribuir a ameaça da destruição da liberdade e demais parâmetros da introjeção democrática. São fatores desfavoráveis à manutenção do Princípio de Desempenho, a desigualdade, a fome, o desemprego, a exclusão, contra os quais aqueles instintos se opõem com a violência. Numa sociedade onde o Princípio do Desempenho funciona satisfatoriamente, isto é, consegue incluir sob o teto protetor de suas concessões a maioria da população, os excluídos são tratados como “bolsões”, alvos de medidas assistenciais emendativas. O Pacto Social, incorporando a administração do Princípio do Desempenho está em permanente crise e compete a seus guardiães a aplicação dos remédios necessários a cada momento. Para F. Fukuyama esse tratamento é sempre possível e se torna mais eficaz com o próprio avanço da sociedade, aliviando as tensões e o conflito de classes sociais, agente das transformações históricas que, assim, chega a seu fim.

Com exceção das visões mais conservadoras, qualquer corrente de pensamento que proponha medidas tendentes a restaurar a vitalidade da História e dos demais acompanhantes da civilização, parte de uma cirurgia no Princípio de Desempenho. Qual órgão do engenho social deve ser afetado, e quanto, depende da corrente, mas aparentemente o Produtivismo - a prática da produtividade em benefício da rentabilidade do Capital - é mais freqüentemente indicado como o fator que afeta mais

---

<sup>6</sup> Comentando a variedade de mitos e heróis nos quais a população se projeta, fazendo suas as glórias de artistas da TV, esportistas, automobilistas, etc e os relatos delas, o saudoso Stanislaw Ponte Preta assim se referiu: “O brasileiro é o único povo que consegue chegar ao orgasmo com a genitália alheia” (em jargão popular, naturalmente). Errou, entretanto, porque o brasileiro não é o único.

pesadamente a repressão dos homens. A produtividade aumentada é usada, não para a satisfação de necessidades vitais, mas quase exclusivamente para o aumento da rentabilidade dos investimentos. Qualquer alívio nas pressões de produtividade tende a liberar as forças reprimidas dos instintos vitais que por sua própria natureza renovam a Vida; assim é perfeitamente cogitável que uma tal cirurgia possa fazer com que a Civilização retome seu curso a partir de outros dogmas religiosos ou livre deles. Entretanto será preciso enfrentar poderosos inimigos bem situados em posições de privilégio, bem como o risco de desordem incontrolável no sistema produtivo.

A última vez que um quadro de descontentamento generalizado se montou em torno do Pacto Social foi no movimento conhecido como “revolta estudantil de 1968”. Esse movimento, de âmbito mundial, tem sido usualmente interpretado pelos seus característicos locais: nos EUA a revolta dos jovens contra a guerra do Vietnã, pela liberdade sexual nas universidades e pela liberação da droga; no Brasil como a revolta contra a ditadura militar; na França contra o autoritarismo do Gal. de Gaulle, pela criação de empregos para os jovens, etc. etc. Acredito que tenha sido um pouco de tudo e que seu conteúdo seja mais geral, mas sua síntese nunca foi feita. Herbert Marcuse, professor de filosofia em Berkeley, foi um dos poucos a arriscar uma análise desse movimento, livre de conceitos imediatistas. Abaixo um trecho de sua interpretação<sup>7</sup>:

“A tese de *Eros e Civilização*, mais completamente desenvolvida em meu livro *One Dimensional Man*<sup>8</sup> era que o homem só podia evitar a fatalidade de um Estado Beligerante mediante o estabelecimento de um novo ponto de partida pelo qual pudesse reconstruir o sistema produtivo sem aquele “ascetismo do mundo interior” que forneceu a base mental para a dominação e a exploração. Essa imagem do homem era a negação determinada do super – homem de Nietzsche: um homem suficientemente inteligente e suficientemente saudável para prescindir de todos os heróis e virtudes heróicas, um homem sem impulsos para viver perigosamente, para enfrentar o desafio; um homem com a boa consciência para fazer da vida um fim em si mesmo, para viver com alegria uma vida sem medo. “Sexualidade polimórfica” foi a expressão que usei para indicar que a nova direção de progresso dependeria completamente da oportunidade de ativar necessidades *orgânicas*, biológicas que se encontram reprimidas ou suspensas, isto é, fazer do corpo humano um instrumento de prazer, não de labuta. A velha fórmula, o desenvolvimento de faculdades predominantes, pareceu-me inadequada; a emergência de novas necessidades e faculdades qualitativamente diferentes pareceu-me ser o pré-requisito e o conteúdo da libertação.

A idéia de um novo Princípio de Realidade<sup>9</sup> baseou-se no pressuposto de que as condições materiais (técnicas) para seu desenvolvimento estavam estabelecidas ou podiam ser estabelecidas nas sociedades industriais mais avançadas de nosso tempo. Entendia-se implicitamente que a tradução das capacidades técnicas em realidade significava revolução. Mas o próprio escopo e eficácia da introjeção democrática suprimiram o agente histórico, o agente de revolução: as pessoas livres não necessitam de libertação e as oprimidas não são suficientemente fortes para libertarem-se. Essas condições redefinem o conceito de Utopia: a libertação é a mais realista, a mais concreta de todas as possibilidades históricas e, ao mesmo tempo, a mais racionalmente, mais eficazmente reprimida – a possibilidade mais abstrata e remota. Nenhuma filosofia, nenhuma teoria pode desfazer a introjeção democrática dos senhores em seus súditos“.

.....  
“É revolta contra os falsos pais, falsos professores e falsos heróis – solidariedade com todos os infelizes da Terra: existirá alguma ligação orgânica entre as duas facetas do protesto?<sup>10</sup> A revolta interna contra a própria pátria<sup>11</sup> parece sobretudo impulsiva, suas

<sup>7</sup> H. Marcuse, *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, Ed. Zahar, Rio, 1968

<sup>8</sup> Publicado em tradução pela Zahar Editora sob o título *Ideologia da Sociedade Industrial*, Rio 1968.

<sup>9</sup> O Princípio de Desempenho no discurso freudiano.

<sup>10</sup> Aqui se refere às situações análogas correntes nos países mais atrasados e ainda mais explorados.

<sup>11</sup> Os jovens convocados para a guerra do Vietnã rasgaram e queimaram em ato público as notificações de convocação.

metas difíceis de definir: náusea causada pelo “sistema de vida”, revolta como uma questão de higiene física e mental. O corpo contra “a máquina” – não contra o mecanismo construído para tornar a vida mais segura e benigna, mas contra a máquina que sobrepujou o mecanismo: a máquina política, a máquina dos grandes negócios, a máquina cultural e educacional que fundiu benesses e maldições num todo racional. O todo agigantou-se demais, sua coesão tornou-se forte demais – o poder do negativo concentrar-se-á nas forças ainda em parte por conquistar, primitivas e elementares ? O homem contra a máquina: homens mulheres e crianças lutando, com os mais primitivos instrumentos, contra a máquina mais brutal e destruidora de todos os tempos e mantendo-a em xeque – a guerra de guerrilhas definirá a revolução de nosso tempo ?<sup>12</sup>.

Imediatamente o “establishment” se defendeu, interpretando a liberação do prazer como liberdade sexual, liberando o uso da droga<sup>13</sup>, melhorando as condições de emprego nos setores mais qualificados e terminando a guerra no Vietnã. A liberação sexual atingiu hoje um largo espectro: da boneca inflável ao transplante, pode-se dizer que incorpora combinações para todos os gostos. Aproveitando a “onda” liberalizante, os não optantes substituíram o tradicional triângulo amoroso da época romântica pela poligonal amorosa, com tantos vértices que é praticamente impossível voltar a qualquer um deles dentro de uma vida.<sup>14</sup> O resultado foi a mulher suportar sozinha o ônus da criação dos filhos, humanamente impossível muitas vezes, dando causa ao abandono de menores e à rejeição de nascituros. É uma violência que nenhum outro mamífero pratica, a não ser nos casos em que a mãe identifica uma cria sem condições de sobrevivência. Testemunhamos assim um dos tratamentos mais cruéis impostos a um ser humano na rica história de nossas requintadas perversões: vê-lo recuar abaixo da linha que o separa dos ramos mais primitivos de nossa classificação zoológica! Ou, mais que testemunhas, seremos também cúmplices?

A rebelião estudantil não chegou muito além disso. O Princípio de Desempenho emergiu fortalecido e íntegro.

### **A Terceira Via**

Muitos não acreditam que a História tenha uma seta, apontando para particulares desfechos na sua evolução; para eles a História se desenvolve em ciclos, sem metas a atingir. Nesse caso nada há a fazer, mas esperar que forças invisíveis engendrem o renascimento ou que venha o Armagedon. Para Karl Marx a História tem uma seta que aponta para o socialismo, como resultado da acumulação da riqueza na sociedade capitalista. O desmoronamento do socialismo real em 1989 na antiga URSS não violou essa tese, de modo que a transição ainda é teoricamente possível; entretanto o socialismo “reformista” da Europa Ocidental tampouco superou o capitalismo, “a frio”, isto é, a convergência não se concretiza espontaneamente. O fim da História, nesse caso viria depois do socialismo.

Uma esperança, corrente no ocidente, supostamente capaz de sustar a contingência de fim da História, como aqui discutida, vem sendo proclamada pela

---

<sup>12</sup> Refere-se a guerras de libertação então correntes na África, mas principalmente à guerra do Vietnã que combinou uma estratégia de guerrilha com guerra convencional.

<sup>13</sup> Da droga “light”. Entretanto há quem especule que as sociedades fazem vista grossa também ao uso da droga pesada, porquanto as medidas de repressão não ultrapassam as “mulas”, “aviões” e modestos “gerentes de bocas de fumo”; já houve invasões de países com prisão de Presidente, acordos militares para cessão de *know-how* a outros países, movimentação de tropas de especialistas, mas no âmbito doméstico não há notícia de repressão aos grandes atacadistas.

<sup>14</sup> A explosão demográfica ganhou novo alento com essa manobra. Dentro do casamento monogâmico os heróis do passado chegavam a vinte filhos ou pouco mais. Dentro da estratégia da poligonal essa marca é pouco menos que medíocre, para um cidadão razoavelmente aplicado, ao longo de sua vida.

chamada *terceira via*, isto é, nem socialismo nem capitalismo, mas uma mescla eclética dos dois<sup>15</sup>. Nestes termos a idéia não pode ser levada a sério, mas formulações com alguma consistência têm aparecido; aqui me limito a comentar a de Anthony Giddens<sup>16</sup>.

Giddens se coloca entre os que não compreendem a História com setas nem lhe reconhecem agentes privilegiados. Apresenta um elenco detalhado de críticas às posições da Esquerda e da Direita nos últimos anos e seleciona, aqui e ali, posições de um e de outro campo a serem preservadas. Ocupa-se das relações e transações entre as pessoas e praticamente não opina quanto à superestrutura cultural, filosófica, ética ou religiosa, o que pode significar que considera suficientes os padrões residuais vigentes ou que os considera desnecessários ou inalcançáveis. O texto parece mais um conjunto de receitas para otimizar as atitudes na sociedade diante das distorções acumuladas pelo Princípio de Desempenho, do que um manual de reparos destinado a encontrar os novos parâmetros de uma sociedade que deseja se libertar delas. Admite, entretanto retoques importantes naquele Princípio. E apresenta comentários de mérito incontestável sobre diferentes aspectos das relações humanas dentro das novas características que vêm se colocando no período que chama de pós-escassez. Identifica na *modernidade* atributos novos, entre os quais selecionei: *o risco fabricado*, *a reflexividade* e *a destradicionalização*. Enquanto as transformações acompanhando o desenvolvimento deixaram a *natureza* razoavelmente íntegra, todos os riscos eram exteriores: secas, inundações, tremores de terra, desabamentos, etc. A *modernidade* trouxe com ela o *risco fabricado*, isto é, inerente ao próprio desenvolvimento: desastres aéreos, automobilísticos, holocausto nuclear, alimentos transgênicos, etc. Isto desperta na sociedade a *reflexividade*, atitude de meditar e avaliar estes riscos antes de aceita-los, opondo-se a eles quando assim convém. As grandes campanhas contra a violência, as organizações de defesa de direitos humanos, os movimentos contra os bombardeios da OTAN na Jugoslavia, os movimentos pela diminuição das horas de trabalho, os protestos em Seattle e em Davos, contra posições da World Trade Organization e do G-7, são expressões dessa reflexividade. Outra é o aparecimento de um grande número de ONGS ocupando-se do meio-ambiente, da violência social, do menor abandonado, etc. A *destradicionalização* é outro agente da modernidade da maior abrangência, dominando o comportamento das pessoas. As inovações tecnológicas em muitos casos incorporam substituição de métodos e instrumentos que demandam novos hábitos; outras vezes esses hábitos são inculcados para viabilizar uma posição de mercado. A TV não acabou com o cinema nem com o rádio, mas circunscreveu fortemente seus territórios e praticamente acabou com o hábito de ler entre os que já não o tinham adquirido antes de seu advento. Multiplicou-se uma forma de analfabetismo para a qual o afamado escritor português José Saramago cunhou a expressão: *analfabeto funcional*, isto é, o alfabetizado que não consegue interpretar o que lê. A idolatria do *novo* faz com que os agentes da persuasão social mantenham campanhas permanentes de destradicionalização, para tornar mais fácil a introdução de procedimentos ou produtos novos. A destradicionalização na área do *sexo*, além das questões já levantadas acima, trouxe a maternidade e paternidade na adolescência, o afrouxamento dos vínculos de família, a dissolução de qualquer forma de autoridade que, inclusive na escola, pretenda disciplinar os caminhos da fantasia. A reflexividade teria o encargo de acomodar os problemas ligados ao risco fabricado e à destradicionalização, mas é pouco provável que o faça conseqüentemente pois dependerá de opiniões e interpretações de grandes contingentes de analfabetos funcionais, facilmente persuadidos pelos setores interessados no aprofundamento da destradicionalização. Giddens também dispensa

<sup>15</sup> Essa idéia lembra a muitos a pilheria da “mulher semigrávida”.

<sup>16</sup> Anthony Giddens, *Para além da Esquerda e da Direita*, Celta Editora, Oeiras, Portugal, 1997

apreciável espaço para comentários sobre previdência social, violência e meio ambiente; discuti-los aqui, entretanto, não está no propósito desta nota.

É interessante transcrever algumas posições do autor com respeito à Ciência; importa notar que nos exemplos explícitos que apresenta, Ciência é Ciência Aplicada.

- ... Um especialista possui apenas uma pretensão de autoridade provisória, dado que as opiniões desse especialista podem ser contestadas por outros com idênticas credenciais. O estado dos conhecimentos em muitas áreas muda muito rapidamente, pelo que o que se afirma com segurança num dado momento pode de repente ser obsoleto. Por outro lado, numa era socialmente reflexiva, a especialização não é domínio exclusivo do especialista: quaisquer pretensões de conhecimentos especializados com relevância para as tarefas práticas da vida social tenderão a deflacionar-se ao converterem-se em moeda corrente, se bem que muitas vezes de uma forma imperfeita. O prestígio da própria ciência, fulcral em fases iniciais do desenvolvimento das instituições modernas é subvertido por esse mesmo ceticismo que é o motor da actividade<sup>17</sup> científica.
- O que está aqui em causa não é a ciência em si, antes o envolvimento da ciência e da tecnologia com a orientação no sentido do controlo própria da modernidade. A íntima integração da ciência nas instituições modernas resultou do facto de a autoridade científica ter a força das tradições que supostamente devia rejeitar. A ciência pura evoluiu dentro de sua própria esfera demarcada: as “verdades” emergiam desta esfera depois de as observações e das teorias terem sido testadas de modo satisfatório no seio da comunidade científica. Este acordo funcionou razoavelmente bem enquanto a “natureza” se manteve relativamente intacta e os riscos com que se confrontavam as aplicações tecnológicas da ciência eram mais exteriores do que fabricados, mas quando esta relação se altera e as disputas “intrínsecas” à ciência começam a penetrar, de modo reflexivo, em áreas de discurso e de actividade não científicas, a situação já não pode manter-se. Ou, melhor dizendo, é mantida de um modo bastante comum, mesmo quando a natureza problemática das circunstâncias com que temos habitualmente de lidar é ainda reforçada pelo fato de se tratar a incerteza fabricada como um risco exterior.
- Nas actuais circunstâncias, o progresso da ciência participa, ao mesmo tempo que revela, os limites da modernidade. A ciência e a orientação virada para o controlo já não podem cumprir a tarefa de legitimação que durante tanto tempo foi fundamental para o desenvolvimento social moderno. A esfera “protegida” que tornou possível a actividade científica desinteressada tem vindo a ser destruída à medida que a reflexividade evolui e o risco fabricado surge. A própria modernidade tornou-se experimental – uma imensa experiência que envolve a vida de todos nós - mas não se trata de modo algum de uma experiência levada a cabo em condições controladas.
- Os resultados científicos são questionados, criticados, usados juntamente com outras fontes de conhecimento reflexivamente disponíveis. Numa ordem destradicionalizante, poucos se podem permitir ignorar as pretensas descobertas em relação, por exemplo, aos benefícios e riscos de vários tipos de alimentos, com acidentes de saúde de várias espécies, com ameaças ecológicas e por aí fora. A um nível local colectivo e mais global todos nós tiramos partido, num certo sentido e em certos contextos, das descobertas da ciência, assim como das tecnologias que delas resultam ou que a elas estão associadas.
- Os componentes nucleares da ciência, tal como é entendida “tradicionalmente”, ficam deste modo sujeitos a tensões e por vezes diluem-se por completo. A ciência está dependente da apreciação desinteressada das pretensões de validade e essa atitude desinteressada pressupõe, por sua vez, que os cientistas não são responsabilizados pelas conseqüências sociais de suas descobertas, porquanto a ciência, consagrada à busca da verdade, segue o seu próprio caminho.
- Todavia, quando a investigação científica traz consigo tantas implicações reflexivas de ordem prática, mesmo a validade das descobertas não pode ser ajuizada apenas a partir do interior da própria ciência. Os que criaram o Projecto do Genoma Humano

---

<sup>17</sup> A transcrição respeita a ortografia e a gramática portuguesa vigente em Portugal.

nos EUA propuseram que três por cento do financiamento do empreendimento fosse atribuído ao estudo das implicações sociais e éticas das investigações, o maior programa de pesquisa bioética a nível mundial. Contudo, a verdadeira interrogação posta pelo projecto tem a ver com a diversidade de implicações reflexivas que o mesmo vai provocar e já provocou.

## **Credo**

Não acredito que a modernidade, como colocada pelos adeptos da *terceira via*, até o ponto em que os entendo, possa sustentar a vida com a mesma grandeza (nem sequer em pálida imitação), eficácia e gratificação que lhe emprestou a civilização judaico-cristã, mesmo nos seus estertores. Não que esta fosse livre de guerras, conflitos insolúveis, perseguições religiosas, políticas, submissão, escravidão, tortura. Mas dentro dela teve lugar a maior escalada de progresso do homem, desde a horda primitiva. Nessa escalada os frutos de suas próprias realizações voltaram-se contra ela, minando seus pilares de sustentação, mas o saldo das realizações parece amplamente positivo. Particularmente acho a idéia de codificar para prever e para comunicar muito superior à de tratar a vida como uma grande experimentação, onde as respostas valem num momento dado e localmente, podendo ser substituídas por outras a qualquer momento em outro local. A idéia tem seus méritos, mas não parece poder ser aplicável em âmbito muito variado. As idéias de Mediação, Hierarquia, Autoridade, por exemplo, de repente podem ser necessárias e dificilmente surgirão de negociações que não têm tradições nem referências codificadas a respeitar. Sem falar no peso do Princípio de Desempenho, gerador de desigualdades, de inconformidade e violência, que dificilmente poderão ser gerenciadas. Somente fórmulas atualizadas de politeísmo generalizado, com novos heróis, novos deuses podem prevalecer, fornecendo a ordem necessária à solução dos impasses. Esse sistema já se mostrou inferior ao monoteísmo e provavelmente vai se mostrar outra vez.

Prefiro compreender o momento como uma espécie de Idade Média que precisa ser vivida e que até possui seus méritos. Afinal, no passado, foi a Idade Média que deu à luz o feudalismo, a partir da sociedade escravista. Os excluídos - escravos foragidos nos pagos - encontraram a fórmula da nova organização, enquanto o Cidadão de Roma se estiolava no vício e na vida dissipada. Também foi na idade média que se deu a construção do cristianismo e a lenta gestação dessa idéia em mãos de remanescentes do Império Romano, herdeiros do seu esplendor, levou, na virada dos últimos séculos do Medievo, à criação das Universidades. Acho que haverá o que aprender com a *terceira via* seja lá o que venha a ser, e não me surpreenderia de encontrar nela solução para algum grande problema, inclusive na ciência. A ciência da Idade Média tampouco desapareceu, embora tenha estado presente principalmente nos desenvolvimentos tecnológicos que tiveram lugar, despida da claridade atingida pelo pensamento da Antigüidade Clássica. Entretanto não morreu; incorporou novas técnicas e novos conhecimentos que explodiram no Renascimento. E, afinal, nada vai durar mil anos, nos dias que correm !

É bom destacar que não estamos sugerindo que a história venha a se repetir, traçando uma paralela a si mesma, com os despojados de hoje encontrando, depois de longas lutas, fórmula semelhante à que permitiu no

distante passado um retoque progressista no Princípio de Desempenho, trocando o escravismo pelo feudalismo; nem que os herdeiros da cultura da sociedade pós-industrial consigam recriar os elementos psicológicos e as instituições que conduzam a qualquer neo-renascimento. Sou otimista, mas não tão ingênuo; a comparação é feita sob a influência do otimismo principalmente para manter o coração aquecido.

Quando os fatos não colaboram, o otimismo é questão de alçada estritamente pessoal. Não escondo que no meu caso tudo corra por conta das influências do meu ascendente em Vênus, a iluminada, que embriaga seus afilhados para melhor submetê-los às seduções da Beleza.

O ébrio é antes de tudo um otimista. Passos incertos, uma oscilação aqui, um rodopio ali, tateia, apalpa erraticamente o invisível, quase cai e, abraçado com o ar, retoma seus tropeços, apruma-se desajeitado e parte para novas incertezas; mais que qualquer outra pessoa o bêbado precisa acreditar no amanhecer.